



**cuidado em  
saúde**



# Os Encantados e suas guianças: uma aposta em outros modos de cuidar

por *Taynah de Marillack*

Primeiro proponho que assistam uma entrevista, curta, que faz parte de uma série de documentários feitos pelo canal, no Youtube, chamado “Sertão Místico”; neste canal várias rezadeiras, encantados e milagreiras do sertão do Brasil são entrevistados e contam um pouco de suas trajetórias. O capítulo que inspira este texto se chama “Entrevista com o médium Tiago Cratéus e incorporação do Caboclo Boiadeiro”. (acesso in: <https://youtu.be/5oUKvU6H6HQ?si=9-5T1nNFf9hP2Ulq>). Algumas palavras de Seu Boiadeiro me marcaram profundamente:

“Ele tem que saber que quando eu venho é como se ele ganhasse mais duas perna prêle não cair, não tombar. Fortifica ele quando a gente vai embora: ele não cai”. (Uma das guianças do Seu Boiadeiro)

Movida por essa guiança de boiadeiro, questões foram disparadas em mim, que dizem respeito a como tenho forjado uma clínica que tem como esforço principal não ser guiada por pressupostos de cuidado fundados por uma psicologia hegemônica e ocidental. Pois esta não se mostrou capaz de dar conta da produção de processos de cura junto a população negra que atendo cotidianamente.

Entre os diversos efeitos destruidores possíveis de práticas e teorias psicológicas que se ocupam da noção de cuidado para com a população brasileira, aqui, neste pequeno texto, iremos nos atentar para um em específico. Ele perpassa e compõe, ao meu ver, um desses movimentos que, para alguns é uma marca da modernidade, para outros, do ocidente e da branquitude. Nomeio “desencantamento” esse efeito que anuncia uma relação com a vida que se estabelece na objetificação da natureza – considerando-a um bem de consumo e uso – e de alguns corpos ao considerá-los usáveis e descartáveis, negando aos mesmos a condição de humanidade. Os marcadores de objetificação e diferenciação dos corpos incluem relações de gênero, raça, espécie, dentre outras divisões e hierarquizações tipicamente ocidentais que produzem efeitos de verdade e conhecimento, estando na fundação de uma série de teorias e práticas que utilizamos quando construímos os paradigmas de cuidado em saúde.

Como dito acima, o mundo em que vivemos sofre, cotidianamente, de um processo de desencantamento. Esse processo, ou projeto, inicia-se no século XV, com a escravização, em

que diz Mbembe (2018, p.13): “os homens e mulheres originários da África foram transformados em homens-objeto, homens-mercadoria e homens-moeda”. Este mesmo processo funda e dá condições para sustentação de modos de produção de subjetividade que marcam a constituição da modernidade: modos capitalísticos, racistas, relações de saber moldadas pelo cientificismo, positivismo, entre outros. Mbembe nos alerta para o risco desse projeto tomar conta do mundo como um todo, objetificando boa parte das relações, não só daqueles antes considerados negros, mas de todo um contingente de pessoas relegadas à processos de apequenamento da vida e condições degradantes de existência.

Nós, afrodiaspóricos e descendentes de povos originários herdamos transgeracionalmente as marcas deste projeto necropolítico (Mbembe, 2018) que ainda vigora, sustentando sobre nós a imagem da morte em vida. Ser negro é, muitas vezes, ser constituído ontologicamente para o branco, no encontro com a branquitude e as práticas de poder-saber articuladas para sustentá-la, com base em todo um aparato de violência e mortificação das vidas negras. Nesse cenário, processos de subjetivação compostos por projeções de “fantasias brancas sobre como a negritude deveria ser” (Kilomba, 2019, p. 38) se institui, permeados de dor, trauma e luto, que incorporam uma certa narrativa e experiência sobre o negro que o aliena como sujeito.

Porém, ao mesmo tempo, por outra via, “apesar de”, nós, mesmo que fragmentados, marcados por processos de alienação, também estamos em vias de fazimento ontológico tendo como ponto de germinação nossa própria existência e dos nossos ancestrais. Já neste cenário, ensaiamos e preservamos movimentos de resistência. Acionamos processos formativos inventivos e rememoramos nossa ancestralidade através-no-pelo-com o corpo, que diz de uma episteme em que é possível inaugurar anunciaçãoes singulares sobre si, dando passagens a linhas de fuga, a sonhos, a outros modos de vida que foram criados e resguardados por nossos antepassados antes de serem considerados “negros e índios”, quando existiam livremente como seres, apenas.

Os estudos de transmissão transgeracional do trauma racial (principalmente, Padilha e Barbieri, 2020) releem a psicanálise e seus cânones para pensar as marcas subjetivas que constituem a branquitude e o racismo. Muitos processos traumáticos podem ser encontrados à partir desses estudos. Porém a minha atenção está, todavia, na transmissão transgeracional de uma episteme inscrita no corpo dos povos que tiveram de atravessar o Atlântico forçosamente, pois diz Simas e Rufino (2018, p.11): “sabedoria de outras terras vieram imantadas no corpo, suportes de memória e de experiências múltiplas”. A transmissão dessa corpora é, em si, vias de cura, saúde mental e promoção de cuidado, pois recupera uma posição ontológica do sujeito negro para além do trauma racial; posição esta ancorada em outras éticas e práticas múltiplas e inventivas transmitidas coletivamente em camadas do inconsciente.

Quando penso em inconsciente entendo-o como “o próprio desejo pulsante, composto de infinitas possibilidades de montagem” (Guattari e Rolnik, 1966, p. 238). Afirmo este conceito de inconsciente pois ele nos permite aproximar cosmologias díspares, como as afrodiaspóricas que tem o corpo como esta ancoragem de infinitas possibilidades de montagem, por onde os saberes, aqui em nosso país, no presente, podem se refazer, se remontar, e expressar desejos,

singularidades, existências para além da marca racial, num movimento de devir. Será que incorporação não seria um modo de cuidado? De experimentar a o corpo por outras vias? De remontar passagens do tempo, vivenciar outras cronologias, ganhar “novas pernas” como diz o Seu Boiadeiro e portanto expandir a vida? Neste sentido o corpo-vivo, o próprio inconsciente, em nada está separado das virtualidades do cosmos, agenciando saberes múltiplos:

O Boiadeiro no documentário do Sertão Místico se conecta com o cavalo (corpo que incorpora), que se conecta com o chapéu... ele pede um cigarro de palha e se alimenta da vida do vinho. Tudo se move quando o chicote bate no ar, em meio à dança de todos esses corpos-vivos, além do vento, a água do riacho que cura, convocando agenciamentos com quem está ao redor para levar a dor, mau-olhado, doenças, embora. Linhas de fuga em forma de cantos e danças, reza e bater de palmas. Novos ritmos para corpos em produção de cura e cuidado de modo rizomático, ou de modo vivo. Deleuze e Guattari (1995) dizem que no rizoma:

“(...) cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificações muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente os regimes de signos diferentes, mas também o estatuto das coisas”. (p 15).

Mesmo quando cito Deleuze e Guattari através do conceito de rizoma, sei que é apenas uma aproximação possível de perspectivas múltiplas. Porém é delas que tento me forjar como psicóloga nesse esforço de construção de uma clínica cuidadosa com aqueles que chegam até mim. Sustentando as contradições de eu mesma ser construída por saberes ocidentais, afrodiaspóricos e originários. Parece ser a tarefa de uma clínica cuidadosa aqui neste país: sustentar as contradições, percebendo os efeitos políticos de nossas práticas profissionais, sabendo se mover à partir de uma postura de quem não tem o caminho pronto, e precisa refazer-se ouvindo outros saberes antes ditos sem valia.

À partir das questões que percorremos até aqui, ao meu ver, há uma tarefa ética da psicologia nos dias de hoje: reconhecer que seu modo de fazer ciência e, portanto, suas práticas de cuidado em saúde, por muito tempo silenciaram, invisibilizaram e julgaram moralmente práticas afrodiaspóricas e originárias de cuidado construídas à partir de outras bases epistemológicas; essas práticas sobreviveram apesar de tudo. É preciso reconhecer que o povo dito menos humano neste país sempre foi capaz de produzir cuidado e que temos modos de viver muito anteriores ao dos processos escravocratas.

Em um exercício contínuo, de antemão proponho olhar para os nossos modos de cuidar, se perguntando: o que eles produzem politicamente? Será que muitos deles não são mantenedores do processo colonial?

A partir disso, tenho estado então mais atenta às linhas de fuga, há uma terceira via que insiste em se fazer presente, em meio às palavras ditas na clínica e acolhidas com cuidado por mim. Estas palavras narram muitas histórias compostas de presenças (invisíveis para alguns, mas bem visível para outros) da força do encanto e dos encantados. Encanto este que nunca se apagou, que segue sussurrando em nossos ouvidos guianças de como cuidar da vida, de bem-viver.

O que as cosmologias afrodiaspóricas e originárias podem nos ensinar sobre a clínica e processos de cuidado? Fico com as guianças dos encantados, suas ervas, emplastros e garrafadas, seus corpos em gira para revermos o que é isso que damos por nome “cuidar”.

### Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução: Rizoma. In *Mil-platôs – Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1, Rio de Janeiro: Ed. 34 (coleção TRANS). 1995.

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1 Edições. 2018.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições. 2018.

ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

SIMAS, L.A; RUFINO, A. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.



*Desatina, ou As Formosas.  
Por Bitta Bardo.*